

## **Eu odeio livros que dizem demais**

### **I hate books that say too much**

DÉBORA FÁTIMA GREGORINI<sup>1</sup>

Eu odeio livros que dizem demais. Detesto cenários muito bem explicados, personagens milimetricamente descritas, sequências cronológicas exatas. Sinto-as como um ataque à minha imaginação. Suponho sempre que a leitura de um livro estabelece uma relação entre leitor e escritor, e que a história só existe de verdade quando o trabalho dos dois é feito. Daí que me irrita um livro muito descritivo, porque se o autor descreve tudo e todos, o que sobra para eu imaginar? É como um trabalho em grupo com aquele colega chato que não confia na capacidade de ninguém e quer fazer tudo sozinho.

Não me entendam mal, eu não quero que os escritores deixem perguntas sem respostas, nem tampouco escrevo uma ode aos finais abertos – apesar de gostar deles, não posso negar -. O que quero dizer é que não suporto uma leitura passiva. Não me cai bem a ideia de que nada faço pelo livro que li, de que a minha leitura foi como qualquer uma outra, de que a personagem é igual para todos que a leem.

Talvez possa ser muito egocêntrico de minha parte imaginar que faço leituras singulares de histórias que todos leem, não nego. Agora, não posso fingir que aproveito leituras que me dizem qual a cor exata da xícara que a personagem tem nas mãos. Nada me tira da cabeça que o texto precisa ter vazios que o leitor obrigatoriamente preencherá consigo mesmo, essa é a graça de conhecer novos mundos literários, não!?! Poder imaginar-se vivendo aquela história, em alguma medida. E, para tanto, precisa haver um espacinho para eu me encaixar, uns dois metros quadrados de cenário para que eu possa colocar minhas coisinhas e me inserir ali um pouco, deixar-me estar naquele universo.

---

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica (CRP 08/30961), graduada pelo Centro Universitário de Pato Branco - UNIDEP. Interessada em Psicologia Existencialista, filosofia existencialista e fenomenológica e discussões acerca do movimento feminista. Mestre e Doutoranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. E-mail: [deboragregorini@hotmail.com](mailto:deboragregorini@hotmail.com)

Por isso amo os olhos de cigana oblíqua e dissimulada que Machado de Assis me oferece para pintar. Não me diz se são castanhos ou negros, grandes ou pequenos, até vesgos posso imaginá-los se eu quiser. Capitu pode ser lida por mim como se tivesse os grandes olhos escuros de minha amiga Maria, pois é esse um presente que Machado me dá. A ciranda de pedra de Lygia ora me caia bem à esquerda, ora à frente do casarão. Grandes autores que não submetem minha imaginação à tirania das meticulosas descrições. Os leio com gosto, fazendo meu trabalho de leitora de dar a todos uma cara, a cara que eu consigo dar. Não me peça para imaginar um rosto como se fosse eu a responsável por escrever um retrato falado. Me dê meu lugar na história.

Submissão: 04. 11. 2024 / Aceite: 15.11. 2024